

FILOSOFIA

Proposta Curricular

(Ensino Médio)

AUTORAS

Marcelo Marques – Prof. Depto. de Filosofia, UFMG.

Patrícia Kauark – Profa. Depto. de Filosofia, UFMG.

Telma Birchal – Profa. Depto. de Filosofia, UFMG.

Governador

Aécio Neves da Cunha

Vice-Governador

Antônio Augusto Junho Anastasia

Secretária de Estado de Educação

Vanessa Guimarães Pinto

Chefe de Gabinete

Felipe Estábile Moraes

Subsecretária de Informações e Tecnologias Educacionais

Sônia Andère Cruz

Subsecretária de Desenvolvimento da Educação Básica

Raquel Elizabete de Souza Santos

Superintendente de Ensino Médio e Profissional

Joaquim Antônio Gonçalves

SUMÁRIO

Ensino Médio

1. Introdução
2. Para que Filosofia?
3. Diretrizes para o Ensino de Filosofia
4. Critérios de Seleção dos Conteúdos
5. Princípios Norteadores
6. Avaliação
7. Conteúdo Básico Comum – Filosofia
8. Para que Filosofia?

Bibliografia

APRESENTAÇÃO

(João Filocre)

ENSINO MÉDIO

1. Introdução

Esta Proposta Curricular é fruto do trabalho de uma equipe de consultores em debate com professores e outros profissionais envolvidos com o ensino de Filosofia no Ensino Médio, em Minas Gerais, nos últimos anos. Trata-se de uma primeira proposta de Conteúdo Básico Comum - CBC para a área de Filosofia, motivada pela Resolução no.4 do CNE / CEB, de 16/08/21006, que determina a obrigatoriedade da disciplina Filosofia no Ensino Médio. Esperamos que esta proposta seja aperfeiçoada pela prática efetiva de sala de aula.

Partimos de princípios estabelecidos pelos PCN (2002) e, sobretudo, pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Ciências Humanas e suas Tecnologias: Ensino de Filosofia (2006), aos quais remetemos nossos leitores e leitoras.

As indicações aqui presentes não devem ser compreendidas como planos de aula que substituam as estratégias didáticas de cada professor em particular. Pensamos que esses conteúdos só terão sentido se forem objeto de apropriações didáticas criativas, vivas e adequadas às realidades singulares das salas de aulas.

2. Para que Filosofia?

Desde os anos 70 do século passado que, em Minas Gerais, se discute **a volta da disciplina Filosofia ao Ensino Médio**.

Durante os anos 60, com o impacto da ideologia da cultura tecnicista, de influência norte-americana, a educação humanista, dita clássica, sofreu grande abalo. O ensino de Filosofia, assim como o do Latim, por exemplo, acabou cedendo à formação científica, que passou a significar uma suposta modernização e adequação às novas demandas da realidade econômica do país. Pode-se dizer que o modelo de educação até então vigente entre as elites

brasileiras teve que confrontar-se com uma progressiva massificação da cultura, na qual surge a exigência legítima de progressiva democratização. Em Belo Horizonte, no início dos anos '70, tanto no ensino público (federal e estadual), como em algumas escolas particulares, já se experimentava com novos formatos para a Filosofia no curso "científico".

Nestes últimos 30 anos, a prática do ensino de Filosofia e a reflexão sobre suas condições de realização amadureceram e geraram debates teóricos vitais, que nós, educadores, devemos assumir, ao mesmo tempo, como desafios e estímulos. Dentre eles, vale mencionar, a oposição entre o qualitativo e o quantitativo em educação, o conflito entre conteúdos e competências, a tensão entre profissionalização e formação para a vida, entre elitização e massificação, a necessidade de se optar entre generalidades e a especificidade dos conhecimentos, etc. Certamente são problemas que merecem uma precisão adicional e, como sempre no campo da Filosofia, vale a pena pensá-los de frente para termos a experiência concreta de sua relevância.

O ensino de Filosofia, pensado agora no contexto fortemente pragmático do treinamento profissionalizante, se vê paradoxalmente obrigado a renovar-se, o que não é necessariamente ruim, uma vez que, como sabemos, o filosofar sempre alimenta-se de sua negação. Ensinar Filosofia, no final do séc. XX e começos do século XXI, passa a significar formação crítica e torna-se um elemento decisivo na redescoberta da educação para a cidadania (recuperando o cerne movimento socrático-sofístico da Atenas do séc. V a.C.). A Filosofia enquanto *paideia* se opõe ao positivismo tão disseminado na cultura brasileira e se renova com a pesquisa em História da Filosofia, nos principais *curricula* de graduação das universidades.

A questão da utilidade da Filosofia é tão antiga quanto estrutural. Pensamos que cada geração de professores deve estar preparada para responder a esta pergunta de modo sério e vigoroso: para que serve a Filosofia?

Seja nos anos 70 do séc. XX, no Ministério da Educação em Brasília, seja no início do séc. V a.C., na *ágora* da antiga Atenas, a mesma questão é retomada obstinadamente, ou seja, a pretensão filosófica ao saber tem que legitimar sua inserção na cidade, perante os saberes técnicos e utilitários que predominam na mentalidade operante da construção material da vida comum, assim como da racionalidade eficaz da vida política e jurídica.

Retomamos o tema pelo viés socrático: a prática do filosofar vale não só pelo bem em si que ela significa, mas também pelos resultados que proporciona (*República II*). A Filosofia é útil

e sua utilidade decorre do seu efeito pedagógico e de sua força educadora, necessária para a humanização do ser humano, necessária para que se possa construir uma consciência autônoma, um estado de direito, em suma, uma cidade justa.

Não há nenhuma razão para perpetuarmos a imagem derivada de uma leitura rápida da *Metafísica* de Aristóteles, segundo a qual o filósofo seria um indivíduo totalmente desinteressado, que estaria acima das solicitações do interesse e do desejo humanos. Não devemos e nem precisamos contrapor Filosofia e vida prática interessada. Na verdade, os antigos gregos nos ensinaram que a racionalidade é simultaneamente prática e teórica; e se a prática racional é o domínio dos fins, da busca e realização dos valores, não faz sentido idealizarmos de maneira abstrata e irrealista uma atividade tão decisivamente humana, como se ela fosse supérflua e inútil, ou seja, como se ela não tivesse conseqüências para a vida.

Para decidirmos da suposta inutilidade da Filosofia é preciso que se estabeleça o que entendemos por “útil”. Se pensarmos num plano bastante elementar, do instrumento mecânico, que é útil exclusivamente pelo resultado imediato que proporciona (como usar um martelo para pregar um prego, por exemplo), podemos e devemos, com certeza, reconhecer a inutilidade da Filosofia. Ela certamente não é um instrumento neutro, sem nenhum sentido ou interesse nele mesmo. Mas se elaborarmos um pouco mais e pensarmos numa perspectiva axiológica, de reflexão sobre os valores (éticos, estéticos, culturais, entre outros), devemos reconhecer a profunda utilidade da Filosofia. Nessa perspectiva, a utilidade se transforma em relevância cultural, papel pedagógico, formação humanística, fator determinante na instauração de valores culturais, elemento construtor da cidadania, etc.

O pensar filosófico é uma modalidade do desejo (que os gregos chamavam de *Éros*) e, enquanto tal, pode e deve ser a expressão de aspirações humanas legítimas, marcadas por interesses variados, em diversos níveis. Na perspectiva contemporânea, não podemos mais simplesmente opor afetividade e pensamento reflexivo, emoção e inteligência; sabemos que o trabalho do pensamento filosófico se enraíza nas estruturas da afetividade humana e se desenvolve junto com elas. Nessa medida, exercer o pensamento filosófico de maneira viva e autêntica é da maior utilidade para os seres humanos. A Filosofia pode propiciar crescimento pessoal e psíquico, em termos de uma maior capacidade de auto-compreensão e expressão e, ainda, levar ao desenvolvimento de uma consciência crítica e autônoma. Enquanto debate

racional, ela certamente proporciona crescimento cívico, respeito pelo outro e pela diferença que representa.

Com relação à **especificidade do ensino da Filosofia**, pensamos, ainda, nas habilidades cognitivas, reflexivas e críticas que ele desenvolve no indivíduo. Habilidades que, talvez, pudessem ser adquiridas através de outras disciplinas, mas que, na verdade, devem ser concebidas num viés propriamente filosófico. O amadurecimento da formação nas universidades demonstra que há um modo filosófico próprio de conceber essas habilidades. É preciso estarmos atentos às interfaces, mas também às diferenças que delineiam a especificidade da Filosofia por oposição tanto à Psicologia como à História, por exemplo. Nesse sentido, pensamos que é fundamental que se tente construir as habilidades na convivência com a história dos problemas consagrados pela tradição como sendo filosóficos. Dentro da perspectiva histórico-cultural própria da Filosofia ocidental, o filosofar é um modo de viver e um fazer que, a nosso ver, deve incluir as seguintes atitudes:

Perceber - A atitude filosófica implica em saber acolher e detectar questões no plano do vivido, na cultura; é preciso ser sensível aos acontecimentos, saber discernir diferenças. Trata-se de uma sensibilidade inteligente (ou de uma inteligência sensível). Não basta erudição ou acúmulo de conhecimentos, é preciso acuidade de percepção, um discernimento que se experimenta e que aprende com a experiência. Filosofar implica sempre numa atitude interpretativa, numa capacidade de leitura, tanto de textos convencionalmente filosóficos, como de outros “textos” (objetos, obras de arte, acontecimentos, imagens, eventos e produtos culturais diversos). O perceber filosófico é um modo de estar no mundo, de se ver e ouvir o outro, de captar e decifrar signos, um modo que não parte de uma suposição de saber, mas que é uma aspiração (*filo*) que se orienta por uma exigência de significação (*-sophia*).

Problematizar - A Filosofia, em geral, caracteriza-se por sua atitude de questionamento do imediatamente dado, de desconfiança das aparências e de dúvida a respeito do óbvio. Pensar filosoficamente significa questionar, confrontar problemas. Ninguém pensa de graça, nós só pensamos autenticamente se tivermos que enfrentar obstáculos: em Filosofia, o impasse é condição para a passagem.

Refletir - Mas, em última análise, não basta pensar; é preciso exercer um pensar que envolva o sujeito, que volte-se sobre aquele que pensa. Nesse sentido, o pensar filosófico parte do sujeito, encontra-se com o objeto e volta-se novamente sobre o sujeito; esse percurso

reflexivo, portanto, é próprio de uma tomada de consciência que vem *a posteriori*, de um saber crepuscular ou que acontece *no depois*. Nesse sentido, o pensar filosófico é especular, é implicação do sujeito no problema a ser pensado.

Conceituar - Já desde os antigos, pensar filosoficamente implica em ser *poeta*, no sentido grego da palavra, ou seja, implica em fabricar, produzir, criar palavras e conceitos; ser capaz de sintetizar a experiência, uma multiplicidade vivida, na direção de uma unificação conceitual. Essa capacidade sintética significa pensar de modo criativo, percebendo e produzindo cultura, inteligência e pensamento.

Argumentar - A capacidade de argumentar é uma habilidade igualmente essencial: o filósofo tem que ser capaz de defender uma posição, atacar ou criticar outras, ou seja, é preciso que ele saiba sustentar com razões a posição que adota; trata-se de justificar coerentemente o conhecimento que se pretende ter; filosofar implica, sempre, em dar razões de si mesmo e de suas tomadas de posição, para si e para o outro, é isso o que lhe confere sua dignidade.

3. Diretrizes para o Ensino de Filosofia

As Orientações Curriculares para o Ensino de Filosofia chamam a atenção para o “papel peculiar da filosofia no desenvolvimento da competência geral da fala, leitura e escrita” (p.26), que estão profundamente vinculadas à natureza argumentativa da disciplina e contribuem para o desenvolvimento de um pensamento autônomo e crítico. Para desenvolver essas competências de uma maneira especificamente filosófica, é preciso lembrar que o diferencial do ensino da disciplina Filosofia está em sua referência à História da Filosofia ou, em outras palavras, à tradição filosófica - o que obviamente exige um professor formado no contato com esses conteúdos, notadamente no contato com o texto filosófico.

Quando afirmamos que a História da Filosofia e o texto filosófico devem ter um papel central no ensino da Filosofia, não queremos dizer que outros tipos de texto ou material não possam ser usados como recursos didáticos. Pelo contrário, textos científicos e literários, filmes, obras de arte e mesmo acontecimentos podem e devem estar presentes na sala de aula, não apenas como elementos motivadores, mas também como objetos de uma genuína leitura filosófica. Queremos afirmar apenas que a especificidade da Filosofia está no trabalho com

conceitos e que o lugar por excelência da exposição e explicitação de conceitos é o texto filosófico. Este deve, portanto, estar presente não apenas na formação do professor, mas também na sala de aula do Ensino Médio.

Neste ponto, é preciso desfazer dois preconceitos:

- A filosofia é abstrata demais, difícil demais. Seu conhecimento não pode ser exigido de um adolescente ao final do Ensino Médio.

- A filosofia não é suficientemente rigorosa para ser exigida como um conhecimento específico. Qualquer pensamento já é filosófico; por isso, não há necessidade de se abordar diretamente textos mais complexos.

Ora, a presente proposta pretende opor-se a esses dois preconceitos, levando em conta uma situação de fato, que já foi demonstrada na prática de sala de aula, ou seja, que é possível e necessário introduzir temas e textos filosóficos no Ensino Médio. Sem a pretensão de esgotar esses temas e textos em toda sua complexidade, a idéia é apresentar ao aluno um novo campo de conhecimento. Deve-se, evidentemente, selecionar textos e materiais mais adequados ao Ensino Médio, que suscitem o interesse e provoquem o desejo de aprofundamento cada vez maior. Por outro lado, existe um rigor próprio da Filosofia que se consolidou historicamente através do trabalho argumentativo de pensadores consagrados, que desenvolveram um aparato conceitual, ao qual podemos recorrer como instrumento para análise dos problemas e questões atuais.

Isto nos leva a um objetivo importante do ensino da Filosofia: a ampliação do horizonte cultural do estudante, que tomará conhecimento de um aspecto fundamental da tradição ocidental, qual seja, do legado dos grandes pensadores. Aqui, informação e formação se aliam, pois o ensino deve ser feito de modo a que o estudante posicione-se "diante dos conhecimentos que lhe são apresentados, estabelecendo uma ativa relação com eles e não somente apreendendo conteúdos. [A Filosofia] não pode ser um conjunto sem sentido de opiniões, um sem-número de sistemas desconexos a serem guardados na cabeça do aluno que acabe por desencorajá-lo de ter idéias próprias. Os conhecimentos de Filosofia devem ser para ele vivos e adquiridos como apoio para a vida, pois do contrário dificilmente teriam sentido para um jovem nesta fase de formação". (p.28)

A tradição filosófica tem, portanto, que estar presente no currículo, de modo a garantir a especificidade disciplinar da Filosofia; ela deve, também, ser objeto de uma apropriação criativa, de modo a garantir que o ensino da Filosofia seja propriamente filosófico. Estamos convencidos de que um meio de fazê-lo é abordar a tradição como um manancial de temas e problemas. Na presente proposta, como se verá adiante, o conteúdo curricular aparece organizado a partir de temas; acreditamos que essa estratégia pode facilitar a tarefa de retomada da tradição de uma maneira indagadora e adequada ao seu público alvo.

A relação com o legado da História da Filosofia exige um trabalho de recorte e adaptação, que em parte já está feito no material didático disponível e em diversos livros de caráter introdutório, cuja publicação é cada vez maior no mercado editorial brasileiro.

Neste quadro, podemos distinguir dois níveis de textos filosóficos:

- os textos dos grandes filósofos, que devem ser recortados pelo professor e analisados pelo aluno com sua ajuda;

- textos filosóficos de caráter introdutório ou sintético, ou textos de divulgação, notadamente de comentadores ou pensadores contemporâneos, que devem ser criteriosamente selecionados para uso em sala de aula.

No item Bibliografia, abaixo, iniciamos uma seleção de textos filosóficos, tarefa que, certamente, deverá ter continuidade e ser aperfeiçoada com o tempo e a experiência, mediante o insubstituível trabalho dos professores em sala de aula. Lembramos, ainda mais uma vez, que os recursos didáticos não se restringem aos textos filosóficos - o diálogo entre o texto filosófico e outras produções culturais é extremamente rico no ensino de Filosofia.

4. Critérios de Seleção de Conteúdos

Por que um programa temático?

Um programa de Filosofia pode ser estruturado seja a partir da História da Filosofia, seja a partir de temas. A presente proposta curricular estrutura-se a partir de temas, pelos motivos seguintes:

- A análise e discussão de temas parecem mais adequadas à faixa etária à qual se destina o programa, pois tornam mais fácil estabelecer relações entre a reflexão filosófica e a experiência do aluno. Países que têm tradição no ensino de Filosofia no nível médio propõem programas temáticos, como é o caso da França e de Portugal.

- A História da Filosofia é uma das disciplinas filosóficas, juntamente com a Ética, a Teoria do Conhecimento, a Metafísica, a Estética e outras. Um programa temático possibilita que várias disciplinas sejam contempladas, num nível introdutório, incluindo a própria História da Filosofia, sem, no entanto, privilegiá-la.

- Uma visão mínima da História da Filosofia exigiria muito mais tempo do que as 80 horas/aula atualmente destinadas ao ensino de Filosofia.

A proposta é, então, partir dos temas e analisá-los filosoficamente, ou seja, mediante conceitos e argumentos cujo lugar por excelência é a História da Filosofia. Isso não significa, no entanto, que a leitura dos textos deva ser feita numa perspectiva exclusivamente histórica. Autores e textos estão no programa **prioritariamente** enquanto lugares de tratamento de um tema filosófico, o que possibilita um diálogo entre a tradição e os problemas contemporâneos. Isso não impede, porém, que o texto seja também meio de aprendizado de noções de História da Filosofia (contexto histórico e intelectual do autor do texto, relação com seus predecessores ou contemporâneos, repercussões de seu pensamento).¹

A escolha dos temas

Estabelecer um conteúdo específico para o ensino de Filosofia é tarefa difícil já pela multiplicidade de formas nas quais a disciplina pode apresentar-se. É preciso lembrar que, diferentemente de outras disciplinas, a Filosofia pode ser tratada de uma pluralidade de perspectivas diferentes.² Se levarmos em conta que a disciplina só dispõe de 80 horas/aula para o desenvolvimento de seu conteúdo, veremos que, necessariamente, muitas possibilidades não serão contempladas.

Para minimizar a arbitrariedade inevitável em toda escolha, optou-se por levar em conta:

¹ Remetemos o leitor novamente às Orientações Curriculares, que apontam para três competências e habilidades a serem desenvolvidas no contato com textos filosóficos: 1) Representação e comunicação – análise interior ao texto – trabalha as habilidades de leitura, compreensão, escrita e argumentação. 2) Investigação e compreensão - vinculação do texto com problemas gerais e com outras do conhecimento, como as ciências e as artes. 3) Contextualização sócio-cultural – analisa o texto em seu contexto histórico (compreensão propriamente histórica do texto filosófico). (Orientações Curriculares – Conhecimentos de Filosofia, p. 33).

² Este problema é bem tratado nas Orientações Curriculares e não o retomaremos aqui. Ver p. 21-23.

- A prática já sedimentada no ensino de Filosofia atualmente em curso, e que se encontra de certo modo refletida nas diversas publicações de nível introdutório hoje existentes. Foi feita uma seleção do material publicado no Brasil, identificando aqueles de boa qualidade e que fossem compatíveis com as diretrizes deste programa. Julgou-se que uma proposta de programa de Filosofia não poderia desconhecer a prática e os recursos vigentes, de modo que o professor tenha onde buscar elementos para iniciar sua atividade. Foi feita também uma pesquisa em torno de conteúdos programáticos e de material didático em países nos quais o ensino de Filosofia está consolidado, visando perceber temas recorrentes.

- A necessidade de renovação dessa prática, introduzindo temas de relevância atual e, principalmente, indicando, na Bibliografia, os textos filosóficos vinculados aos temas propostos.

O programa se organiza da seguinte maneira:

Campos de Investigação - São grandes áreas do questionamento e da pesquisa filosóficas, que possibilitam a inserção de diferentes perspectivas em sua abordagem:

- 1- Ser humano
- 2- Agir e poder
- 3- Conhecer

Os campos correspondem, em grande medida, às disciplinas filosóficas: Antropologia Filosófica, Ética e Filosofia Política e Teoria do Conhecimento.

Temas / Habilidades - No interior de cada um dos campos de investigação são identificados temas mais específicos que serão propriamente os objetos da reflexão filosófica. O objetivo é que, partindo da experiência, se chegue ao tratamento filosófico do tema, ou seja, que ele possa ser abordado através de conceitos. A cada tema são relacionadas habilidades, o que envolve a perspectiva na qual se sugere que ele seja desenvolvido e os objetivos que se pretende alcançar com seu estudo. A forma como o professor vai trabalhar os temas é flexível, por exemplo, dois ou mais temas podem ser relacionados e abordados em uma mesma aula.

Conceitos - A cada tema estão associados conceitos. Os conceitos são instrumentos de pensamento: eles definem e delimitam o tema, colocam-no sob determinada perspectiva, permitem sua exploração de modo ordenado. Os textos e as correntes filosóficas são fontes

inesgotáveis de repertórios conceituais. O trabalho com os conceitos permite que se desenvolvam plenamente as habilidades lingüísticas e de pensamento, num sentido propriamente filosófico.

Problemas - São questões relacionadas aos temas e que podem servir de “porta de entrada” para seu tratamento. São provenientes da experiência comum. Mesmo aparecendo como o último item na ordem de exposição do Conteúdo Curricular, podem ser pontos de partida do professor para suas aulas. Constan no programa a título de *sugestões* – o professor pode, isoladamente ou em conjunto com os alunos, suscitar outras questões. Insistimos que este é o modo especificamente filosófico de construir um programa, ou seja, lançando perante os indivíduos questões e desafios que os convoquem em sua responsabilidade de cidadãos inteligentes e criativos.

Temas Complementares - A título de sugestão, listamos alguns temas complementares que podem ser explorados, opcionalmente, a critério do professor, caso haja disponibilidade de carga horária

5. Princípios norteadores

Iniciamos aqui o levantamento de alguns princípios ou valores que, acreditamos, devem orientar nossas práticas como educadores na área de Filosofia:

- que seja respeitada a liberdade de pensamento, acima de tudo, evitando que a filosofia seja instrumentalizada por compromissos de natureza política, religiosa ou científica;
- que seja preservada a liberdade do professor, no que diz respeito à sua posição diante daquilo que o programa propõe;
- que as diferenças culturais, religiosas, de gênero e outras sejam acolhidas e respeitadas;
- que se esteja pronto a combater qualquer ilusão simplificadora;
- que seja enfatizado o exercício da compreensão, mais do que o da mera explicação;
- que se tenha sempre em vista a fidelidade à condição humana, com consciência dos seus limites, mas também de suas potencialidades;

6. Avaliação

Acreditamos que a Avaliação em Filosofia deve ser objeto de discussão permanente entre professores, alunos e educadores em geral. Propomos aqui alguns parâmetros fundamentais para orientar o debate, em diferentes níveis e instâncias:

- em Filosofia, avalia-se não apenas a assimilação dos conteúdos, na sua positividade, mas, principalmente, a capacidade de argumentação que sustenta uma determinada tomada de posição;

- disso decorre uma questão incontornável, tão difícil quanto premente: como estabelecer "progressão" no ensino / aprendizado de Filosofia?

- é preciso saber propiciar momentos avaliativos diferenciados: avaliações de conteúdos, de atitudes e de competências;

- enquanto sondagem do ensino e do aprendizado efetivos, os processos avaliativos devem servir para que sejam feitas correções de cursos / percursos, tanto dos professores como dos alunos;

- avaliação é também uma oportunidade de aprendizado, tanto para o aluno, como para o professor;

- a avaliação deve levar em conta tanto o empenho (pólo subjetivo), como o desempenho (pólo objetivo) do indivíduo avaliado; nessa medida ela é tanto construção e processo, como aferição de resultados;

- é preciso incorporar uma dimensão de auto-avaliação permanente, em todos os níveis: do aluno, do professor, da instituição;

- não podemos deixar de reconhecer que os processos avaliativos (valorativos) estão, inevitavelmente, associados a "jogos de poder", em níveis diversos – entre indivíduos, pequenos grupos, turmas ou instituições.

7. Conteúdo Básico Comum – Filosofia

1. SER HUMANO

- 1.1. Natureza e cultura
- 1.2. Corpo e psiquismo

2. AGIR E PODER

- 2.1. Os valores
 - a. Ser e dever ser
 - b. Universalidade e relatividade dos valores
- 2.2. Liberdade e determinismo
- 2.3. Indivíduo e comunidade
 - a. Conflito
 - b. Lei e justiça

3. CONHECER

- 3.1. Verdade e validade
- 3.2. Tipos de conhecimento
 - a. A emergência da filosofia
 - b. Filosofia e outros saberes
- 3.3. A racionalidade científica
 - a. Teoria e experiência
 - b. Objetividade e Verdade

Temas complementares

1. SER HUMANO

- a. Arte e técnica
- b. Trabalho e alienação
- c. Tempo e transcendência

2. AGIR E PODER

- a. Felicidade
- b. Cidadania e Direitos Humanos
- c. Conhecimento e Poder

3. CONHECER

- a. Formas de inferência válida
- b. A revolução científica do século XVII
- c. Ética e Ciência

CAMPO DE INVESTIGAÇÃO 1 – SER HUMANO

TEMAS / HABILIDADES	CONCEITOS	PROBLEMAS
<p>1.1. Natureza e cultura</p> <ul style="list-style-type: none"> - Distinguir entre as noções de natureza e de cultura. - Compreender a noção de cultura como essencial à definição do ser humano - Compreender que, no ser humano, as características biológicas da natureza e os dados culturais estão profundamente associados. 	<p>Natureza Cultura</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O que distingue o ser humano dos outros animais? - O que faz do ser humano um animal como os outros? - Existe uma natureza humana? - O que pode significar a palavra “cultura”? - É possível distinguir no ser humano o natural do cultural? - O ser humano: frágil ou forte diante da natureza?
<p>1.2. Corpo e psiquismo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisar diferentes concepções filosóficas sobre a constituição do ser humano. - Discutir as relações entre racionalidade e desejo - Compreender a questão da consciência como um aspecto fundamental do ser humano. - Discutir a relação entre mente e cérebro 	<p>Corpo e Alma Dualismo e Monismo Racionalidade e Desejo Consciência e Inconsciente Mente e cérebro</p>	<p>O ser humano é dual? O que comanda o ser humano: sua razão ou seus desejos? O psiquismo é separado do corpo? O conhecimento é uma modalidade de desejo? Somos senhores de nossos desejos e sentimentos? O que significa ser consciente? É mais fácil conhecer a si do que as coisas ou os outros? A consciência nos engana? É possível conhecer-se a si mesmo sem enganar-se? O que significa dizer que pensamos com nosso cérebro?</p>

CAMPO DE INVESTIGAÇÃO 2 - AGIR E PODER

TEMAS / HABILIDADES	CONCEITOS	PROBLEMAS
<p>2.1. Os valores</p> <p>a. Ser e deve ser</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer que o agir humano é de natureza valorativa. - Distinguir e circunscrever a esfera da moral como o lugar das ações e escolhas humanas, das normas e dos valores. - Distinguir entre as esferas dos fatos e dos valores. - Conhecer algumas entre as diversas posições filosóficas a respeito do bem e o mal. 	<p>Ser e dever ser</p> <p>Fato e valor</p> <p>Juízos de fato e juízos de valor</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a diferença entre dizer que algo é assim e que algo deve ser assim? - “Seguir a natureza” pode ser uma regra moral? - As convenções humanas são um prolongamento ou uma ruptura com a natureza? - A moral é uma questão de sentimento?
<p>b. Universalidade e Relatividade dos valores</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender a diversidade cultural. - Analisar criticamente o etnocentrismo. - Confrontar as posições universalistas e relativistas em relação aos valores. 	<p>Universalismo</p> <p>Relativismo</p> <p>Bem e Mal</p> <p>Belo e Feio</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As noções de certo e errado são universais ou relativas aos costumes? - Pode-se condenar um costume de alguma cultura em nome da humanidade? - Devemos falar em cultura ou em culturas? - Há culturas superiores às outras? - É possível querer o mal? - O bem e o mal dependem da perspectiva de quem os define? - Há uma beleza universal?
<p>2.2. Liberdade e determinismo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre as condições do agir humano. - Compreender e analisar o conceito de liberdade em sua relação com o conceito de determinismo. - Compreender que a liberdade humana se exerce em meio às 	<p>Liberdade</p> <p>Determinismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Somos livres ou determinados por fatores como genética, ambiente, etc.? - A liberdade é ausência de coações? - A liberdade é ausência de lei? - Uma pessoa que não é livre pode ser responsabilizada por seus atos? - Os desejos e paixões limitam nossa liberdade?

<p>determinações.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Confrontar as concepções filosóficas que negam a existência de um livre-arbítrio com aqueles que o afirmam. - Compreender que o agir ético é indissociável da relação consigo mesmo e com os outros. 		<ul style="list-style-type: none"> - Podemos ser ao mesmo tempo livres e apaixonados? - O sentimento da liberdade garante sua existência? - Quem obedece a si mesmo é livre? - Somos livres mesmo dentro de uma prisão?
<p>2.3. Indivíduo e comunidade</p> <p>a. Conflito</p> <ul style="list-style-type: none"> - Delimitar as esferas do indivíduo, do social e do político. - Refletir sobre o sentido do conflito nas relações humanas. - Compreender a esfera da política como o lugar da expressão e articulação de conflitos e eventual operação de consenso. - Compreender o fenômeno da violência em sua diferença com o conflito. - Pensar os fundamentos da desobediência. - Distinguir entre o exercício da força e o da autoridade (uso legítimo da força). 	<p>Indivíduo e Sociedade Conflito Violência Privado e Público Força e Autoridade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O que leva os homens a viverem em comunidade? - O que significa dizer que o ser humano é um animal político? - É possível viver sem conflito? - O conflito é necessariamente ruim? - É possível lutar por direitos sem enfrentar o conflito de interesses? - O homem é um animal violento? - A violência é anterior à vida em sociedade? - É possível justificar algum tipo de violência? - Há uma guerra de todos contra todos? - Todo conflito é violento? - É possível construir uma sociedade pluralista? - A autoridade é necessária? - Há distinção entre a autoridade e a força?
<p>b. Lei e justiça</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender os diferentes conceitos de lei - Compreender os diferentes conceitos de Justiça - Diferenciar legitimidade e legalidade. - Compreender as diferentes formas de poder nas sociedades humanas. 	<p>Lei Justiça Interesse e Bem comum Legitimidade Poder</p>	<ul style="list-style-type: none"> - É possível viver sem lei? - A lei reprime os indivíduos? - A lei é contrária aos interesses e desejos? - As leis são convenções humanas? - É legítimo opor-se à lei? - Justiça e liberdade são incompatíveis? - Justiça é tratar todo mundo igualmente? - Existe uma justiça divina? - Todas as leis são justas? - A sociedade pode determinar o

		<p>que o indivíduo deve fazer?</p> <ul style="list-style-type: none">- O Estado existe para garantir a liberdade do indivíduo?- A política é sempre uma luta pelo poder?- A política deve levar em conta a moral?- Existe um exercício legítimo da força e da dominação?- A política é a única forma de poder?
--	--	--

CAMPO DE INVESTIGAÇÃO 3 - CONHECER

TEMAS / HABILIDADES	CONCEITOS	PROBLEMAS
3.1. Verdade e validade <ul style="list-style-type: none"> - Clarificar noções de lógica, proposição/juízo e raciocínio/argumento, a partir da distinção validade/verdade. - Distinguir argumentos dedutivos e indutivos. - Identificar modos de inferência válida. 	Verdade e Validade Indução e Dedução	<ul style="list-style-type: none"> - O que é raciocinar? - Um raciocínio coerente é necessariamente verdadeiro? - A lógica é uma ciência? - Todo pensamento é necessariamente lógico? - Quais são as modalidades legítimas de inferência? - Verdades empíricas são mais fáceis de refutar? - É a indução logicamente fundamentada?
3.2. Tipos de conhecimento <p>a. A Emergência da Filosofia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar o surgimento da filosofia. - Caracterizar o filosofar como experiência existencial. - Relacionar mito e filosofia. 	Mito Filosofia	<ul style="list-style-type: none"> - Há ruptura ou continuidade entre mito e filosofia? - Há uma lógica do mito? - O pensamento dos homens primitivos é infantil? - Os mitos ainda estão presentes na sociedade contemporânea?
<p>b. A diversidade dos saberes</p> <ul style="list-style-type: none"> - Distinguir e relacionar filosofia, religião, técnica, arte e ciência. - Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência. - Confrontar a racionalidade filosófica e a racionalidade científica, através de suas rupturas e continuidades. 	Filosofia Religião Arte Ciência Racionalidade e Crença Conhecimento empírico e conhecimento inteligível Senso comum Aparência e Essência Universal e Particular	<ul style="list-style-type: none"> - O que distingue a filosofia dos outros saberes? - A ciência é um avanço com relação à filosofia? - Todo conhecimento é científico? - A racionalidade pode compreender o irracional? - É possível ser um cientista e ainda ter fé religiosa? - Cabe à ciência substituir a religião? - A arte é um tipo de conhecimento? - A filosofia é um tipo de literatura? - A opinião é necessariamente falsa? - O uso da razão supõe a rejeição de toda crença? - Todas as opiniões são igualmente verdadeiras?

		<ul style="list-style-type: none"> - Posso crer naquilo que não compreendo? - O conhecimento exclui toda forma de crença? - Existe uma ruptura entre o senso comum e o conhecimento científico? - Existe um saber do senso comum? - É o conhecimento uma crença verdadeira e justificada?
<p>3.3. A racionalidade científica</p> <p>a. Teoria e experiência</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relacionar fato, observação e teoria. - Relacionar experiência e experimentação. - Relacionar ciência e hipótese. 	<p>Experiência</p> <p>Experimentação</p> <p>Percepção</p> <p>Observação</p> <p>Fato</p> <p>Hipótese</p> <p>Teoria</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As ciências têm seu ponto de partida na experiência? - Uma teoria sem experiência nos ensina alguma coisa? - Existe um fato puro? - É a experiência que garante o caráter científico de uma teoria? - Qual o papel das hipóteses na elaboração do conhecimento? - É a ciência invenção ou descoberta?
<p>b. Objetividade e Verdade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Distinguir e relacionar sujeito e objeto. - Distinguir e relacionar qualidades objetivas e subjetivas. - Relacionar conhecimento e subjetividade - Identificar a especificidade das ciências humanas - Relacionar fato e verdade. - Relacionar realidade e verdade. - Distinguir e relacionar ceticismo e dogmatismo. - Perceber as diferentes dimensões do problema da verdade. 	<p>Sujeito e Objeto</p> <p>Objetividade e</p> <p>Subjetividade</p> <p>Verdade</p> <p>Ceticismo</p> <p>Dogmatismo</p> <p>Realismo</p> <p>Relativismo</p> <p>Pragmatismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - É possível uma objetividade pura? - A subjetividade atrapalha o conhecimento? - É possível o conhecimento objetivo do ser humano? - O objeto é determinado pelo sujeito? - A ciência é puramente objetiva? - É possível um conhecimento certo e seguro? - É a verdade adequação à realidade? - A ciência é nossa única via de acesso à verdade? - Como pode o conhecimento científico ser, ao mesmo tempo, verdadeiro e provisório? - A verdade é submetida ao tempo?

		<ul style="list-style-type: none">- A verdade é uma crença?- As verdades matemáticas constituem o modelo de toda a verdade?- Pode a verdade ser assimilada à utilidade?- A verdade é um valor absoluto?
--	--	--

8. Bibliografia

Bibliografia Geral

Títulos de caráter introdutório, didático ou mais geral, nos quais se encontrarão vários dos temas e autores sugeridos no programa (levantamento inicial).

Livros didáticos

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1992.

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P. *Filosofando. Introdução à Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2003

CHAUÍ, Marilena. *Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 200

0. Série Novo Ensino Médio.

CORDI e outros. *Para Filosofar*. São Paulo: Ed. Scipione, 1995.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2000.

CUNHA, José A. *Filosofia. Iniciação à Investigação Filosófica*. São Paulo: Atual Editora, 1992.

FIGUEIREDO, Vinicius (Org.). *Filósofos na sala de aula*. Diversos autores. vols. 1-2. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2006-2007.

HUISMANN, D.; VERGEZ, A. *Compêndio Moderno de Filosofia*. Ed. Freitas Bastos, 1966.

Volume 1- o conhecimento, Volume 2- a ação

LUCKESI, C. C. *Introdução à Filosofia: aprendendo a pensar*. Cortez, 1985

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia. Dos pré -socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MORENTE, Garcia. *Fundamentos de Filosofia*. Trad. Guilherme de la Cruz Coronado. São Paulo, Mestre Jou. 1964

REZENDE, Antônio (org.) *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

SOUZA, Sônia M. R. *Um outro olhar. Filosofia*. FTD,

WUENSCH, Ana Míriam e SÁTIRO, Angélica. *Pensando Melhor*. São Paulo: Saraiva.

Outros

Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, MEC, 2006.

BOSCH, Philippe van den. *A filosofia e a felicidade.* Trad. Maria Ermantina Galvão. E. M. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.

CANDIDO, C.; CARBONARA, V. (Org.) *Filosofia e Ensino: um diálogo transdisciplinar.* Ijuí: Unijui, 2004.

COHEN, Martin. *101 problemas de filosofia.* São Paulo: Loyola, 2006.

COLL, C.; MARTÍN, E., Avaliação da aprendizagem no currículo escolar: uma perspectiva construtivista. In: *Construtivismo na Sala de Aula.* São Paulo: Ática, 1999

COMTE-SPONVILLE, A. *A filosofia.* Tradução Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COMTE-SPONVILLE, A. *Apresentação da filosofia.* Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ENGUITA, Mariano Fernández. Tecnologia e sociedade: a ideologia da racionalidade técnica, a organização do trabalho e a educação. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) *Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p.230-253.

FIGUEIREDO, Vinicius. (Org.) *Seis filósofos na sala de aula.* Platão, Maquiavel, Descartes, Voltaire, Kant, Sartre. São Paulo: Berlendis e Vertechia Editores, 2006.

FIGUEIREDO, Vinicius. (Org.) *Filósofos na sala de aula.* Vol.2. Sofistas, Hobbes, Pascal, Marx, Nietzsche, Freud. São Paulo: Berlendis e Vertechia Editores, 2007.

GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia. Romance da História da Filosofia.* Trad. João Azenha Jr São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GAARDER, Jostein. *O Dia do Curinga.* Trad. João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.

HOLIS, Martin. *Filosofia. Um convite.* São Paulo, Loyola, 1996.

KOHAN, W. O. (Org.) *Ensino de filosofia: Perspectivas.* Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MONDIN, Battista. *Introdução à Filosofia: problemas, sistemas, atores e obras.* Trad. J. Renard. São Paulo: Paulus, 1981.

- NAGEL, Thomas. *Uma Breve Introdução à Filosofia*. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- NIETZSCHE, *Para a Genealogia da Moral*. Adaptação de Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo, Editora Scipione, 2002. Coleção Reencontro.
- PERRENOUD, P. *Avaliação: Da Excelência à Regulação das Aprendizagens Entre duas Lógicas*. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PIOVESAN, A. et al. (Org.) *Filosofia e Ensino em Debate*. Ijuí: Unijuí, 2002.
- PLATÃO. *República*. Adaptação Marcelo Perine. São Paulo: Editora Scipione, 2002. (Coleção Reencontro).
- PERINE, Marcelo. *Ensaio de iniciação ao filosofar*. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.
- RUSS, Jaqueline. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alberto A. Munóz. São Paulo: Scipione, 1994.
- SAVATER, Fernando. *As Perguntas da Vida*. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes.
- SEVERINO, Antônio Joaquim, *Filosofia da Educação: Construindo a Cidadania*. São Paulo: FTD, 1994.
- SILVEIRA, R. J. Trentin; GOTO, Roberto (Orgs.) *Filosofia no Ensino Médio*. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.
- STEPHEN, L. *Os arquivos filosóficos*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- VOLTAIRE. *Cândido*. Adaptação de José Arrabal. São Paulo, Editora Scipione, 2004. Coleção Reencontro.

Coleções de livros introdutórios a temas ou autores

- Coleção Passo a Passo – Editora Zahar.
- Coleção Logos – Editora Moderna.
- Coleção Mestres do Pensar – Editora Loyola.
- Coleção Prazer em Conhecer – Editora FTD.
- Coleção Primeiros Passos – Editora Brasiliense.
- Coleção Cara ou Coroa. Editora Scipione. (autores: Brigitte Labbé e Michel Puech).

Bibliografia específica

Textos vinculados aos temas e nos quais aparecem alguns dos conceitos indicados. Lembramos que: os textos constam neste programa a título de *sugestões*; o professor deve recorrer a outras fontes que lhe permitam explorar os mesmos conceitos, de outras maneiras; não é o caso de se explorar todos os textos indicados; o professor deve fazer os recortes que julgar pertinentes.

1. SER HUMANO

1.1. Natureza e Cultura

ALVES, Rubem. *O que é Religião*. São Paulo: Brasiliense, (1981) 1989.

CARMO, Paulo Sergio. *A Ideologia do Trabalho*. São Paulo: Moderna, 1992.

FREUD, S. *O mal estar na civilização*. Trad. Jose Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, S. *Totem e tabu*. Trad. Orizon C. Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GOULD, S. J. *Darwin e os grandes enigmas da vida*. Trad. Maria Elizabeth Martinez. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOULD, S. J. *A galinha e seus dentes: e outras reflexões sobre a historia natural*. Trad. David Dana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LÉVI- STRAUSS, c. *Tristes trópicos*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

LÉVI- STRAUSS,, C. *Raça e história*. Trad. Inacia Canelas. 2. ed. Lisboa: Brasil: 1975.

MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã: I-Feuerbach*. Trad. Jose Carlos Bruni; Marco Aurelio Nogueira. 7a ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

MARX. *Manuscritos economico-filosoficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX. *O capital: crítica da economia política*. Livro I,1. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

MORIN, E. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Trad. Hermano Neves. 5ª ed. Mem Martins: Europa. America, 1991.

PLATÃO. *Protágoras*. [O mito de Prometeu]. Trad. Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

1.2. Corpo e psiquismo

Antologia de textos. EPICURO. LUCRÉCIO. CÍCERO. SÊNECA. MARCO AURÉLIO. Trad. Agostino da Silva. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

PLATÃO. *Fédon. Banquete*. Trad. Jose Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).

PLATÃO. *República*. Livro IV. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DESCARTES. *Discurso do Método*, parte IV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Junior. São Paulo: 1973. (Os pensadores)

DESCARTES. *Meditações*. I e II. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Junior. São Paulo: 1973. (Os Pensadores)

FREUD, S. *Cinco lições sobre a psicanálise*. Trad. Durval Marcondes et. al. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

NAGEL, T. “O problema mente cérebro”. *Uma breve introdução à filosofia*. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE. A Gaia Ciência. Par. 354. *Obras incompletas*. Trad. Rubens R. Torres Filho. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

NIETZSCHE. Para além do bem e do mal. Par. 16-17. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PASCAL. *Pensamentos*. (La 200). Trad. M. Laranjeira São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOFISTAS. *Testemunhos e fragmentos*. Trad. A. A. Souza; M. J. Vaz Pinto. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

2. AGIR E PODER

2.1. Os valores

a. Ser e dever ser

BOBBIO, N. “O que é preconceito”. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 2002

CORTINA, A. & MARTINEZ, E. *Ética*. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.

MONTAIGNE. “Dos canibais”. *Ensaio* I, Cap.31. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- HARE. *A linguagem da moral*. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- COMTE-SPONVILLE, A. “A moral”. *Apresentação da filosofia*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- NAGEL, Thomas. “Certo e errado”. *Uma breve introdução à filosofia*. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- POPPER, K. “Natureza e convenção”. *A sociedade aberta e seus inimigos*, II cap. 5. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo : Ed. USP, 1987.
- HUME. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. Livro III. Trad. Déborah Danowski. São Paulo: Ed. UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MARCONDES, Danilo. *Ética. Textos Básicos de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- SANCHEZ-VASQUEZ, Adolfo. *Ética*. Trad. João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido. *Conversando Sobre Ética e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TAYLOR, C. *Multiculturalismo*. Trad. Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget. 1998
- WILLIAMS, Bernard. *Moral. Uma introdução à ética*. Trad. Remo Mannarino Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

b. Universalidade e universalidade dos valores

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicomaco*. Livro I. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores)
- AGOSTINHO. *Confissões*. VIII, 15 e 16. Trad. J.Oliveira Santos, S.J., e A.Ambrosio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- HOBBS. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil*. I, 6. Trad. João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Primeira Seção. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).
- VOLTAIRE. *Cândido*. Adaptação de José Arrabal. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

NIETZSCHE. *Genealogia da moral*. Primeira dissertação. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MILL, J. S. *O utilitarismo*. Cap 1-2. Trad. Alexandre Braga Massella. São Paulo: Iluminuras, 2000.

2.2. Liberdade e determinismo

NAGEL, T. “Livre-arbítrio”. *Uma breve introdução à filosofia*. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COMTE-SPONVILLE, A. “A liberdade”. *Apresentação da filosofia*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Agostinho. *Do livre arbítrio*. Tradução Nair de Assis Oliveira. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

DESCARTES. Quarta meditação. *Meditações*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Junior. São Paulo: 1973. (Os pensadores)

HOBBS. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil*. I, 6 e II, 21. Tradução: João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SPINOZA. *Ética*. Livro III, proposição II, Escólio. Tradução: Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes, Antonio Simões. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

MONTESQUIEU. *Do espírito das leis*. II, 2-3 e XII, 2. Tradução Cristina Murachco. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Segunda seção. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

NIETZSCHE, F. “Os quatro grandes erros”, 7. *O crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARTRE, J.P. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

2.3. Indivíduo e comunidade

a. Conflito

DORION, Louis-André. *Compreender Sócrates*. Trad. L. M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2006.

HERÁCLITO. Fragmentos. In *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Trad. Jose Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. *Leis*. (livro II) *Epinomis*. Trad. Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 1999.

MAQUIAVEL, N. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio: "discorsi"*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Ed.UnB/Imprensa Oficial, 2000.

HOBBS. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil. Livro I, cap 13*. Trad. João Paulo Monteiro, M. Beatriz N. Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

b. Lei e Justiça

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ARISTÓTELES. *A Política*. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco. Livro V*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores)

BOBBIO, N et. al. *Dicionário de política*. Trad. Carmen C. Varialle et al. 10.ed. Brasília: Ed. UnB, 1997.

BOBBIO, N. *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Trad. Daniela B. Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

COMTE- SPONVILLE, A. 'A justiça'. In: *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Trad. Raquel Ramallete. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

HOBBS, T. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil. Livro I, 13-15*. Trad. João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LA BOÉTIE. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Trad. Manuel J. Gomes. Lisboa: 1986.

LEBRUN. *O que é poder*. Trad. Renato Janine Ribeiro e Silvia Lara 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

- MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. Trad. Livio Xavier. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- NAÇÕES UNIDAS. Assembléia Geral. *Declaração universal dos direitos humanos*. 4. ed. Salvador: CESE, 1978.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Anna Lia A. A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PLATÃO. *Político. Diálogos*. Trad. Jose Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João C. Costa. 3a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- RAWLS, J. *Uma teoria da justiça*. Trad. Almiro Pisetta e Lenita M.R. Esteves. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ROUSSEAU, J.J. *O contrato social*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Parte IX, Sociologia da dominação, cap. 1 a 3. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Impr. Oficial; Brasília: Ed. UnB, 2004.

3. CONHECER

3.1. Verdade e Validade

- ARISTÓTELES. *Organon*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- MARGUTTI PINTO, Paulo R. *Introdução à lógica simbólica*. Capítulo 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- SALMON, W. *Lógica*. São Paulo: LTC Editora. 3ª ed., 1993.

3.2. Tipos de conhecimento

a. A emergência da Filosofia

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro I (α). Cap. 1 e 2. Trad. Vincenzo Cocco. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- LEVI-STRAUSS, C. *Mitológicas*. Trad. Carlos Eugênio M. Moura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- LEVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 2006.
- PLATÃO. *República*. Livro VII. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO. *Teeteto. Diálogos*. 3.ed. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Para, 2001.

VERNANT, J-P. *As origens do pensamento grego*. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

VERNANT, J-P. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Trad. Haiganuch Sarian. São Paulo: 1973.

VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VOLTAIRE. *Cartas filosóficas*. São Paulo: Landy Editora, 2001.

b. Filosofia e outros saberes

ALVES, R. *Filosofia da ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Loyola: 2000)

ALVES, R. *O que é religião*. São Paulo, Brasiliense: 1993.

BURTT, E. A. *As bases metafísicas da ciência moderna*. Trad. Jose Viegas Filho e Orlando Araujo Henriques Brasília: UnB, 1983.

COLI, J. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

NUNES, B. *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática, 1991.

KOYRÈ, A. *Estudos de História do Pensamento Científico*. Trad. Marcio Ramalho. Brasília: Ed. UnB; Forense, 1982.

RORTY, R. *A Filosofia e o Espelho da Natureza*. Trad. Antonio Transito. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1995.

3.3. A Racionalidade Científica

a. Teoria e experiência

b. Objetividade e verdade

AGAZZI, E. *A ciência e os valores*. Trad. de Francisco da Rocha Guimarães e Jose Nogueira Machado. São Paulo: 1977.

ALVES, R. *Filosofia da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BACHELARD. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BERKELEY, G. *Três diálogos entre Hylas e Philonous*. Trad. Antonio Sergio et al. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CASSIRER, E. *El problema del conocimiento*. México: FCE, 1974.

- CHALMERS, A. F. *O Que é a Ciência, Afinal?* Trad. Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- CHALMERS, A. *A fabricação da ciência* Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. UNESP, 1994.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Introdução; Parte 1; Parte 15. São Paulo: UNESP, 2007.
- GRANGER, G-G. *A ciência e as ciências*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1994.
- HANSON, N. *Patrones de descubrimiento*. Madrid: Alianza, 1977.
- HEGENBERG, L. *Explicações Científicas*. São Paulo: EPU, 1973.
- HEMPEL, C. *Filosofia da Ciência Natural*. Trad. Plínio Sussekind Rocha. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- HUME, D. *Investigação acerca do entendimento humano*. São Paulo: CEN, 1972.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. (Prefácio e Introdução). Trad. Valério Rohden; Udo B. Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).
- KAPLAN, A. *A conduta na pesquisa*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Herder, 1969.
- KUHN, T. “Posfácio - 1969”. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9ªed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LOCKE, J. *Ensaio sobre o entendimento humano*. Trad. Gualter Cunha e Ana Luísa Amaral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- LOSEE, J. *Introdução Histórica à Filosofia da Ciência*. Trad. Borisas Cimbleiris. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade Tecnológica*. São Paulo: Scipione, 1994. (Col. Ponto de Apoio).
- MORAIS, João Francisco R. *Filosofia da ciência e da tecnologia*. 6a.ed. Campinas: Papyrus, 1997.
- MORAIS, João Francisco R. *Ciência e tecnologia*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.
- MORGENBESSER, S. (org.) *Filosofia da Ciência*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1979.

POINCARÈ, H. 'As hipóteses em física'. *A ciencia e a hipótese*. Cap. 9. Trad. M. A. Kneipp. Brasília: Ed. UnB, 1984.

POPPER, K. "Colocação de alguns problemas fundamentais". *A lógica da pesquisa científica*. Trad. Leônidas Hesenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1975.

POPPER, K. "Ciência: Conjecturas e Refutações". *Conjecturas e refutações*. Trad. Sergio Bath. Brasília: Ed. UnB, 1994.

SUPPE, F. *La estructura de las teorías científicas*. Trad. Pilar Castrillo y Eloy Rada. Madrid: Nacional, 1979.

TOULMIN, S. *La comprensión humana*. Trad. Nestor Miguez. Madrid, Alianza, 1977.

WEBER, M. "Introdução". *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos M. Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.